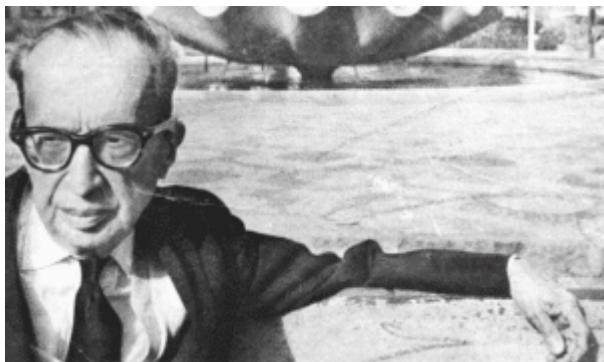


A poesia de Manuel Bandeira



Por ANDRÉ R. FERNANDES*

Por trás do poeta da melancolia íntima, um agudo cronista da desigualdade brasileira. A sociologia escondida nos versos simples de Manuel Bandeira

A poesia de Manuel Bandeira ocupa um lugar central na literatura brasileira do século XX, não apenas por sua delicadeza estética e caráter confessional, mas também por sua profunda inscrição no social. Embora Manuel Bandeira seja frequentemente lembrado como poeta da subjetividade, da melancolia e do universo íntimo, seu lirismo está fortemente atravessado por questões sociais, culturais e históricas que marcam o Brasil na virada do século XIX para o XX e no período modernista.

A partir dessa perspectiva, a sociologia da literatura – especialmente aquela que investiga a relação entre obra, contexto e estruturas sociais – oferece instrumentos essenciais para compreender a poética bandeiriana. O presente ensaio examina como a poesia de Manuel Bandeira manifesta tensões sociais, desigualdades, práticas culturais e processos históricos, revelando que a sensibilidade pessoal do poeta é inseparável do mundo social que o condiciona.

A obra poética de Manuel Bandeira constitui um dos exemplos mais expressivos de como a literatura pode funcionar como testemunho sensível das transformações sociais, culturais e históricas do Brasil no século XX. Embora frequentemente lembrado pelo lirismo intimista, pela simplicidade expressiva e pelo tom coloquial que marcou a poesia modernista, Manuel Bandeira articula em seus versos uma percepção aguda das condições sociais que moldam a vida cotidiana.

Assim, o estudo de sua poesia a partir da sociologia da literatura permite compreender como o autor traduz, por meio de imagens, vozes e experiências individuais, tensões coletivas relacionadas à urbanização, às desigualdades sociais, ao progresso incompleto e às contradições da modernidade brasileira.

A sociologia da literatura, ao investigar as relações entre obra, autor e contexto social, possibilita observar como Manuel Bandeira dialoga com a realidade em transformação – seja ao registrar tipos sociais marginalizados, seja ao poetizar o ambiente urbano emergente ou revelar a fragilidade humana diante da doença, da pobreza e da morte.

Desse modo, sua poesia ultrapassa o domínio puramente estético e converte-se em documento simbólico de uma sociedade marcada por contrastes. Analisar Manuel Bandeira sob essa perspectiva ilumina tanto o valor social de sua produção quanto a capacidade da poesia de captar dimensões profundas da experiência histórica.

A sociologia da literatura e o modernismo bandeiriano

A sociologia da literatura busca compreender como textos literários se relacionam com as estruturas sociais, analisando o autor, a obra e seus leitores enquanto produtos e agentes de um contexto histórico. No caso de Manuel Bandeira, essa abordagem é particularmente frutífera, pois sua poesia, embora marcada por um tom íntimo e autobiográfico, é

a terra é redonda

atravessada por temas como marginalidade urbana, desigualdade social, crítica ao moralismo burguês e observação das práticas cotidianas das camadas populares.

Mesmo antes da Semana de Arte Moderna, Manuel Bandeira já rompia com padrões parnasianos e simbolistas, antecipando um modernismo de ruptura social que se voltava para a vida comum. Assim, sua obra se insere num momento de transformação urbana (a modernização do Rio de Janeiro e de Recife), de emergência de novas sensibilidades artísticas e de questionamento das hierarquias culturais. É nesse cruzamento entre subjetividade e sociedade que sua poesia se torna objeto ideal para uma leitura sociológica.

Manuel Bandeira é um dos grandes cronistas poéticos da cidade moderna. Em poemas como *"Poema tirado de uma notícia de jornal"* e *"Evocação do Recife"*, observa-se um olhar sociológico sobre o espaço urbano: as desigualdades, a violência, a vida nas ruas e a memória social.

Em *Poema tirado de uma notícia de jornal*, o poeta transforma um fato banal de violência – o assassinato de um homem por motivo fútil – em matéria poética. A escolha por uma linguagem simples e direta reforça a dimensão social da obra: é a vida popular, crua e cotidiana, que se torna central na poesia. Ao aproximar literatura e jornal, Manuel Bandeira aproxima também arte e realidade social.

Já em *Evocação do Recife*, há a construção de uma memória coletiva da cidade. O poeta descreve um Recife pré-moderno, de costumes “daquele tempo”, recuperando práticas sociais, convivências comunitárias e tipos humanos que desapareceram com a urbanização. O poema, portanto, não registra apenas a subjetividade do eu lírico, mas também um conjunto de experiências históricas que moldam a identidade cultural de uma época.

A desigualdade social e o olhar para o outro

A poesia bandeiriana frequentemente se volta para personagens marginalizados ou esquecidos pela sociedade: crianças pobres, trabalhadores anônimos, mutilados, mulheres populares. Isso é evidente em poemas como *“O bicho”*, em que a miséria extrema surge de forma chocante. Ao observar um homem revirando o lixo “como um bicho”, o poeta expõe a degradação humana provocada pela desigualdade social. Não há moralização nem sentimentalismo; há constatação de um fato social.

Essa perspectiva se aproxima da sociologia da literatura porque revela o modo como a obra incorpora condições materiais da existência social. O verso curto, direto e brutal reforça o impacto da cena observada. A poesia aqui funciona como denúncia ética, ainda que sem o engajamento explícito típico de uma poesia panfletária.

A poesia de Manuel Bandeira, marcada pela simplicidade estilística e pela profundidade humana, revela um olhar atento para o cotidiano brasileiro e, especialmente, para figuras marginalizadas pela sociedade. Embora não seja um poeta militante ou explicitamente engajado politicamente, Manuel Bandeira desenvolve um humanismo poético que expõe desigualdades e evidencia empatia pelo “outro” – aquele que sofre, é esquecido ou vive à margem.

Um aspecto fundamental da sociologia da literatura em Manuel Bandeira é sua aproximação da cultura popular. O poeta incorpora falares cotidianos, cantigas, formas musicais, expressões regionais, provérbios e cenas triviais. Isso revela um gesto político-cultural: a valorização do que antes era visto como “baixo” ou “antipolido”.

Poemas como *“Profundamente”*, *“Pneumotórax”* e *“Pronominais”* revelam essa articulação entre linguística, humor e crítica social. Em *“Pronominais”*, por exemplo, Manuel Bandeira ironiza a normatividade da gramática tradicional, criticando implicitamente a rigidez cultural das elites brasileiras. A transgressão linguística se torna forma de resistência simbólica.

Essa desierarquização estética é típica do modernismo, mas em Manuel Bandeira ganha contornos sociológicos específicos

a terra é redonda

porque reflete a heterogeneidade cultural brasileira. A poesia torna-se espaço onde diferentes estratos sociais convivem, revelando tensões e a riqueza da vida social.

A doença, o corpo e a condição social

A tuberculose, experiência central na vida do poeta, também pode ser interpretada sociologicamente. A doença não aparece apenas como drama individual, mas como condição que revela estruturas sociais: a precariedade do sistema de saúde, a estigmatização dos enfermos, a relação com o trabalho e o afastamento forçado da vida urbana.

Poemas como *"Pneumotórax"* e *"Desencanto"* incorporam ironia e desencanto que ultrapassam o sofrimento individual, inscrevendo-o num contexto histórico marcado pela mortalidade e pelas limitações sociais enfrentadas pelos doentes.

Assim, a doença em Manuel Bandeira não é apenas biográfica, é também social, revelando como o corpo é atravessado por normas, instituições e práticas coletivas.

A leitura sociológica da poesia de Manuel Bandeira evidencia que sua obra está longe de ser apenas expressão da subjetividade individual. Ao contrário, ela constitui um espaço privilegiado de observação do social: da desigualdade, da vida urbana, das práticas culturais populares e das transformações históricas da modernidade brasileira.

Manuel Bandeira combina lirismo e crítica social, intimismo e observação do outro, memória afetiva e registro histórico. Sua poesia revela que o literário é, ao mesmo tempo, forma de conhecimento do mundo e de intervenção simbólica na realidade.

Assim, a sociologia da literatura permite compreender a potência social da poesia bandeiriana e seu papel fundamental na consolidação de um modernismo que, sem abandonar a sensibilidade individual, se volta para a complexidade da experiência humana em sociedade.

*André R. Fernandes é graduado em Letras pela Universidade Nilton Lins (UNL).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)